



A nossa vida como um arco-íris

Neste número continuaremos a aprofundar o azul. Depois da primeira parte, na qual Margarida evidenciou algumas características deste aspecto, passamos a palavra a Walter que completará o discurso, mostrando-nos outros aspectos desta «belíssima» cor!

O AZUL

O amor é beleza,
harmonia, e faz casa

Deus é Beleza!

O que nos faz afirmar que Deus é beleza? Em primeiro lugar o esplendor da criação. Acho que todos nós já admiramos um céu estrelado, a amplitude do mar, ou observamos as marcas que a água deixa na areia ou as formas de uma pedra ou ainda uma cerejeira em flor... E se, com o microscópio, observássemos uma só destas flores descobriríamos uma maravilha infinita! Diante destes espetáculos exclamamos espontaneamente: «Que belo!». Sim, na beleza da natureza está a marca de Deus que a criou. E também no semblante de uma pessoa, nos olhos de uma criança... A Sagrada Escritura diz que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, portanto, também o homem traz em si a imagem de Deus Beleza, além daquela de Deus Amor. E a beleza, – nos diz Chiara – assim como tudo o que é bom e verdadeiro, conduz a alma para Deus.



O que é a arte?

Também a arte, em todas as suas expressões, faz parte do azul. Mas o que entendemos por arte?

Chiara fala sobre isso em um escrito intitulado:

5

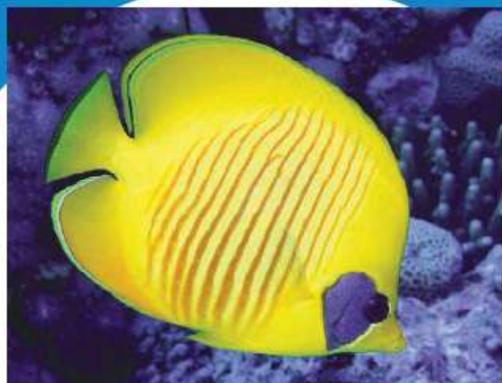
Gen 3

«Madona de Michelangelo», como num colóquio com Maria através da escultura deste famoso artista. Vejamos juntos alguns trechos: «Hoje, ao contemplar-te, Madona bela, pensei: quão sublime e divino é o efeito de uma obra de arte!»

E ainda: «A arte é saber transfundir em pintura, em escultura, em arquitetura, em música... algo daquilo que na alma não morre».

E o que não morre na alma? Aquela centelha de divino, a presença de Deus, um «reflexo do Céu» - diz Chiara – que existe em cada ser humano.

Mas o artista tem uma capacidade particular: consegue doar o seu céu também com as cores, com um pedaço de madeira que transforma numa escultura, com uma música, um romance, uma poesia, um filme... que permanece também depois da sua morte e, de certo modo, é imortal até quando existir aquela obra.



«Uma obra de arte se eterniza por este «algo». Por isso, mesmo passando os anos, a moda, os métodos, mesmo com o progresso da técnica, o multiplicar-se das descobertas, aquela obra permanece, porque tem um cunho imortal, um timbre divino.»

«Com as suas obras-primas de arte os artistas nos doam anjos invisíveis e silenciosos que nos indicam o céu». E para nós, se não fossemos grandes artistas, o que nos diz este aspecto do azul? Não há dúvida que existem pessoas que receberam um dom especial de Deus, mas todos nós somos, de alguma forma, artistas! Se, por exemplo, arrumo a mesa colocando as coisas de modo harmonioso, dando um toque especial, dobrando o guardanapo de certo jeito..., realizo uma pequena obra de arte e dou aos outros, algo da minha alma, do meu céu; do mesmo modo quando faço uma página web, compondo-a de formas, cores, caracteres; da mesma forma quando me visto...

Chiara conclui assim o colóquio com Maria diante da Pietà de Michelangelo: «E como a ti falei, a ti faço um pedido: ...sacia esta sede de beleza que o mundo sente. Manda grandes artistas, mas plasma neles grandes almas que, com o seu esplendor, encaminhem os homens ao mais belo dentre os filhos dos homens, o teu doce Jesus».



Hollywood

Já em 1950, Chiara intuiu que as etapas da Obra seriam, no tempo, três: Assis, Paris e Hollywood. Refazendo-se às etapas da história de S. Francisco: Assis e Paris, na primeira vêm em evidência a vida do Evangelho, que começando por Assis até onde chegou o espírito franciscano, tinha transformado pessoas e cidades; na segunda se destaca a difusão do seu pensamento até chegar a Paris, centro máximo da cultura daquela época; também para nós Chiara viu um desenvolvimento semelhante. Num primeiro tempo chamado «Assis», que durou dezenas de anos, o Espírito Santo nos impulsionou a imitar Deus no seu ser bom. De fato, o nosso Ideal estava concentrado em Deus Amor. Deus, bondade infinita, que somos chamados, de certo modo, a reviver, tornando-nos pequenos sóis ao lado do Sol. Depois o Ideal começou a difundir as suas ideias, surgiu a Escola Abbá, a universidade Sophia, surgiram as inundações que trazem uma nova luz para a cultura moderna e para o futuro: a nossa «Paris». Percebemos que o Espírito Santo nos impulsionava a manifestar não somente a bondade de Deus e da nossa vida, não somente a verdade, mas também a beleza. O nome desta última etapa é «Hollywood», entendendo com isso: arte, música, dança, teatro, cinema, rádio, TV... todos os meios indispensáveis para levar ao maior número de pessoas a nossa nova vida. E neste aspecto as gen 3 e os gen 3 podem dar uma grande contribuição. Basta ver as grandes manifestações como os Super congressos, Run4unity nos quais músicas, danças, coreografias são sempre de um bom nível artístico. Muitos, assistindo, comentaram: «Como tudo é tão belo!» É um belo que conduz a Deus e traz Deus. Da mesma forma, as nossas bandas gen e outras formas de expressões artísticas são meios para expressar o nosso Ideal, fazendo com que Deus, infinita beleza, seja conhecido.

É lindo um céu estrelado, o mar com as suas cores, porém, mais belo ainda é o amor entre as pessoas: a amizade, o relacionamento entre irmãos, entre namorados ou entre marido e mulher, o amor de uma mãe pelo seu filho. E não só esses relacionamentos naturais, mas também aqueles entre estudantes e professores, entre empresários e operários... e, em ampla escala, aqueles relacionamentos entre as etnias, as nações..., devem ser cultivados para que se tornem belos. Portanto, faz parte também do azul viver socialmente em harmonia. Cada um de nós foi criado por Deus para ser um dom ao outro; cada um é indispensável para o bem de todos porque tem algo a dar que nenhuma outra pessoa pode dar. Vivemos o azul todas as vezes que caminhamos na direção das pessoas marginalizadas; quando procuramos reconstruir os relacionamentos na família, talvez deteriorados, ou perdoamos um amigo, o professor que nos tratou injustamente; quando encontramos os idosos que estão sozinhos ou damos aulas a crianças imigradas. Em todos estes casos estamos curando a nossa cidade de uma grave doença, o individualismo. Uma outra doença pela qual o azul se interessa é a massificação.

Nas nossas sociedades seguem-se, por exemplo, os modelos impostos pelos meios de comunicação, que têm por objetivo nos tornar todos iguais, como uma espécie de clonagem. Todos pensam, agem, se vestem, falam do mesmo modo e se alguém não faz parte do grupo corre o risco de ficar isolado. O azul, ao invés, é justamente o amor que faz emergir a personalidade de cada um, considerada uma riqueza, algo único. E para viver o azul basta pensar nos talentos, na criatividade que cada um possui e que pode fazer frutificar para o bem dos outros.



Chiara diz: «Se o conteúdo da filosofia é a verdade, o da arte é o belo. E o belo é harmonia, o que significa «altíssima unidade». Vocês sabem qual é o segredo para construir a unidade: amar Jesus Abandonado. E com que veste Jesus Abandonado se apresenta no azul? Com a veste do individualismo, da massificação, mas também de tudo aquilo que é feio, da desarmonia, do caos. Podemos reconhecer Jesus Abandonado, por exemplo, também nos muros sujos da nossa escola, ou na poluição do planeta e nas mil pequenas coisas do dia-a-dia. Uma das primeiras focolarinas me contou que uma vez Chiara, entrando na cozinha, viu um fósforo usado no chão e enquanto o recolhia, exclamou: «Jesus Abandonado, aquele que se encontra fora de lugar!» e depois o colocou numa caixa de fósforos que poderiam ser reutilizados. Este episódio nos ensina que se nós, em qualquer ocasião de desarmonia, reconhecemos Jesus Abandonado e lhe damos um nome, como fez Chiara, isto nos permite passar à ação e, portanto, colocar ordem, reciclar, estabelecer a harmonia.



Qual é a verdadeira beleza?

Como distinguir aquilo que é realmente belo daquilo que aparentemente é belo mas não o é? Nem sempre é clara a distinção entre aquilo que é um bem, algo verdadeiro, belo, e aquilo que é mal, falso, feio. Podemos notar isso claramente no Evangelho quando nos diz que a cizânia cresce junto com o grão bom. O verdadeiro artista não pode considerar o belo separado do bom e do verdadeiro. O belo, de fato, que não contém em si o verdadeiro e o bom é um nada, é um vazio. Chiara faz sua afirmação de Vladimir Soloviev - filósofo e poeta russo: «A beleza sem a verdade e o bem é somente um ídolo». Um ídolo é um falso deus, um bezerro de ouro, como aquele que os hebreus fabricaram para si no deserto. Também hoje se criam certas figuras, atores, modelos que as pessoas se abaixam para adorar, como novos bezerros de ouro e que propagam uma falsa beleza que não leva a Deus, mas induz a comprar, a possuir coisas e pessoas. A verdadeira beleza, pelo contrário, é como uma janela que se abre para o mistério, para o infinito, para Deus. No caso das pessoas, a beleza nunca deveria ser um obstáculo que nos impede de colher o mistério mais profundo daquela pessoa. Dostoevskij, um grande escritor de todos os tempos, dizia: "A beleza salvará o mundo!" E Chiara: "Sim, a beleza, da qual Maria é modelo divino, salvará o mundo!". Se o mal, o falso, o feio degrada o homem, o desumaniza, o bem, o verdadeiro, o belo o constrói como homem, fazendo-o com que se torne sempre mais Jesus e Maria.



Maria

Chiara sempre contemplou em Maria o modelo divino da beleza. Maria é a toda bela. Diz-se que quando Michelangelo pintou a Criação, colocou ao lado da figura de Deus Pai Criador uma figura de mulher, Maria, para dizer que quando Deus criou o universo já tinha um modelo no qual se inspirar para criá-lo: Maria!

Gen 3

8



Virgo, Carlo Fumagalli, focolarino arquiteto, e alguns gen3 durante a construção da casa gen3 «Piccolo Seme» em Loppiano

Social One

Clarté

Diálogos em Arquitetura

INUNDANDO O MUNDO COM:

As Inundações que surgem do azul são muitas: aquela da sociologia, chamada «**Social-One**», desenvolvida por um grupo internacional de sociólogos e estudiosos do serviço social, com o objetivo de elaborar conceitos e novos modelos sociais para realizar um mundo unido.

«**Clarté**», isto é, a inundação da arte.

Artistas do mundo inteiro e das formas artísticas mais variadas, inspirando-se no carisma da unidade, querem redescobrir uma arte que saiba ser realmente 'popular', que possa ser um momento de recreação para todos aqueles que dela se aproximam, que seja verdadeira, que dilate o coração para o mistério da beleza, que contribua para a unidade de povos e culturas.

A última que nasceu, «**Diálogos em arquitetura**», a inundação promovida por profissionais e estudiosos nos vários âmbitos da arquitetura, com a intenção de elaborar e construir espaços, casas e cidades que espelhem a beleza da criação, nas quais o homem possa morar, e viver em harmonia consigo mesmo, com as demais pessoas e com a natureza.